

O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO EM CONTEXTO FAMILIAR E SUA RELAÇÃO COM O SOFRIMENTO PSÍQUICO EM ADOLESCENTES¹

Pedro Henrique Dias Lopes*

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica narrativa, realizada com o objetivo de traçar a correlação entre o sofrimento vivenciado por adolescentes em detrimento a uma convivência em ambientes familiares pautados por um comportamento fundamentalista religioso. Nesse sentido, foram explorados através de referenciais teóricos referentes à psicanálise e à psicologia social, pressupostos fundamentais para se compreender a significação de tais conceitos em uma perspectiva associada à psicologia. A partir dos resultados encontrados, se mostrou possível entender o fenômeno do fundamentalismo como um significativo complexo e marcado por variáveis sócio históricas passíveis de associação direta com a adolescência, situando esta etapa como multifacetada e marcada por uma construção subjetiva que, muitas vezes, entra em embate com expectativas do meio. Sendo possível concluir a importância da psicologia no que tange a discussão do sofrimento capaz de ser empregado por meio desta relação, na mesma medida em que se mostra como uma área que concerne o entendimento da importância da religiosidade quando desenvolvida de forma a respeitar a alteridade e o espaço de fala das diferentes manifestações espirituais existentes na modernidade.

Palavras-chave: Fundamentalismo Religioso. Adolescência. Família. Diversidade. Sofrimento psíquico.

INTRODUÇÃO

Existem certos tópicos que ao serem discutidos demandam uma visão ampla a respeito de sua historicidade e impacto social. Um deles trata-se da religião. Quando ocorre um aprofundamento acerca desta experiência, é notável sua influência não só em aspectos mais concretos como no âmbito político e da saúde, mas também no que diz respeito ao impacto que a questão religiosa e suas ramificações exercem sobre a saúde mental dos indivíduos (Silva et al. 2021). Nesse contexto, a experiência como estagiário no Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil (CAPSij) de Barbacena - MG, juntamente

¹ TCC em formato de artigo, apresentado ao Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (FACEC), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

* Pedro Henrique Dias Lopes - Estudante do 10º Período de Psicologia – pedrohenrique89412@gmail.com.

com o anseio de discorrer a respeito de tópicos relevantes, não só dentro da Psicologia como na sociedade, fizeram com que o tema escolhido para se pautar essa pesquisa fosse: O fundamentalismo religioso em contexto familiar e sua relação com o sofrimento psíquico em adolescentes.

A relação deste fenômeno com o sofrimento pode ser percebida ao se considerar que, devido à historicidade da questão religiosa ao longo dos anos, esta se configura na sociedade não apenas como algo que concerne à espiritualidade, mas também como forma de poder ao se apresentar como verdade a ser seguida e que coloca sentido à existência do ser (Silva et al. 2021). Isso se tornou ainda mais claro após a experiência de estágio supracitada. Esta, além de propiciar uma expansão de repertório em relação à Psicologia, trouxe consigo um encontro direto com vivências de famílias que utilizavam discursos fundamentalistas que influíam diretamente na saúde mental de usuários do serviço. Seja colocando figuras como o *diabo* em um lugar de culpa em detrimento ao sofrimento dos filhos, ou até mesmo como uma forma de não ter que se haver e dar suporte para os mesmos nessa jornada de cuidado e busca por suporte. Logo, a adolescência e seu papel crucial na formação identitária surgiram como um complemento enriquecedor e pertinente para delimitar o tema supracitado.

Nesse contexto, o presente trabalho irá se basear em conceitos referentes ao âmbito da Psicologia Social e da Psicanálise, com o objetivo central de entender como o fenômeno do fundamentalismo religioso dentro do contexto familiar se relaciona com o sofrimento vivenciado por adolescentes. Além disso, a estruturação do mesmo se pautou nos seguintes objetivos específicos: Entender do que se trata o fundamentalismo religioso e como este pode se relacionar com a Psicologia; Discorrer sobre a adolescência como uma etapa do desenvolvimento na qual o indivíduo está construindo sua identidade, frisando como a dinâmica familiar influencia essa relação; Compreender, por meio de textos utilizados, quais os mecanismos psíquicos que levam uma pessoa a adotar esse discurso fundamentalista e, por fim, discutir acerca da posição da Psicologia em relação à temática religiosa na atualidade.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA²

Ao se discorrer a respeito do fundamentalismo religioso, é impossível um distanciamento de questões históricas e culturais. Isso, pois o encontro com o sagrado a partir da experiência religiosa é algo que move o homem na busca de sentido existencial desde os primórdios da humanidade (Silva et al, 2021). O resgate de tal historicidade se mostra importante na medida em que o fundamentalismo advindo da religiosidade vem se apresentando como uma tendência em constante crescimento e alastre ao redor do mundo desde o início do século XX, surgindo como uma espécie de antítese ao levante das culturas científicas e seculares (Oliveira, 2019).

O termo fundamentalismo, primeiramente se originou nos Estados Unidos, em um contexto no qual protestantes conservadores se revoltaram contra os liberais em ascensão por acharem que os fundamentos do cristianismo se encontravam ameaçados. Logo, esse movimento se formou com o intuito de reconquistar não só a sociedade estadunidense, mas também o mundo moderno do que entendiam como a invasão do liberalismo e consequente apagamento da fé cristã (Abreu et al. 2015).

Analisando o contexto supracitado, é possível evidenciar o fato de a forma com a qual ideias fundamentalistas se manifestam estar inteiramente ligada ao cenário no qual estas se construíram. A partir da explanação de Nogueira (2023) em sua obra *Intolerância religiosa*, percebe-se que a fim de discorrer sobre tal tópico na sociedade brasileira, é de suma importância um resgate histórico a respeito da construção da religiosidade e o que isto implicou e ainda implica na formação desta nação. Logo, não se pode fugir da afirmativa de que essa se construiu em cima de uma visão fortemente excludente que traz consigo uma falsa ideia de laicidade. Desde a época da colonização, a Coroa Portuguesa imbuída de seus ideais católicos apostólicos romanos, utilizou destes como uma forma de conquista e dominação, que pode ser percebida claramente através da ação dos jesuítas³ com os povos indígenas que aqui já viviam e sustentavam suas culturas. Estes tiveram suas crenças e

² A fundamentação teórica deste trabalho contempla o que no template está nomeado como “Desenvolvimento”.

³ Entende-se por jesuítas, os padres pertencentes à ordem Companhia de Jesus, que se tornaram uma poderosa e eficiente congregação religiosa na medida em que atuavam com a coroa portuguesa visando espalhar o evangelho e converter os indígenas do Brasil colônia (Nogueira, 2023).

costumes completamente desconsiderados, na mesma medida em que eram subjugados a uma posição de inferioridade que logo necessitava ser *corrigida* através dos ensinamentos colocados em voga a partir da vontade daqueles que ocupavam posições de poder (Nogueira, 2023).

Mas afinal, como considerar tal história de dominação⁴ através da utilização de crenças e pressupostos religiosos e pensar que estas não causaram ramificações que perduram até a atualidade? Tal questionamento pode ser respondido ao levar-se em conta fenômenos como a intolerância religiosa, por exemplo. Como também explicitado por Nogueira (2023) em sua obra *Intolerância Religiosa* esta pode ser definida como:

“[...] conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a crenças, rituais e práticas religiosas consideradas não hegemônicas⁵. Práticas estas que, somadas à falta de habilidade ou à vontade em reconhecer e respeitar crenças de terceiros, podem ser consideradas crimes de ódio que ferem a liberdade e a dignidade humanas [...]” (pág.39).

Enquanto situações como a perseguição direta aos indígenas no Brasil-Colônia se mostram como exemplos mais concretos de tal prática, durante a atualidade é perceptível uma construção mais velada de tais atos de violência, como na estigmatização das religiões de matrizes africanas, por exemplo. Questões como estas surgem ainda mais fortes ao levar-se em conta que, na atualidade, a maioria da população no Brasil ainda é cristã, com católicos apostólicos romanos formando 73,6 % da população e evangélicos 15,4% (Bohn, 2004).

De tal maneira, essa historicidade se mostra passível de associação direta com o que se compreende por fundamentalismo religioso no Brasil atual. De acordo com Santo (2019), esse conceito pode ser definido como:

“[...] forma de nomear grupos evangélicos religiosos e/ou políticos, dentre outros, que defendem um conservadorismo contrário aos direitos de livres expressões sexuais, organizações familiares e religiosas, entre outras.” (p.154).

Em outras palavras, se constitui como um modo de ser marcado por um comportamento de devoção exacerbada a uma crença, tendo esta como

⁴ No presente trabalho, parte-se da ideia de dominação como uma relação social na qual um grupo através de sua autoridade prega e coloca em prática uma ideia de obediência para com outro grupo. Sendo este, visualizado a partir de um lugar de subordinação (Weber, 1999).

⁵ Entendendo hegemonia como o domínio que um grupo exerce sobre a sociedade a fim de padronizarem um consenso acerca de algo, a não hegemonia pode ser compreendida como essa ausência de supremacia dominante. No caso das religiões, aquelas que atuam na contramão do que se é considerado normativo (Gramsci, 2001).

detentora de uma verdade absoluta. Desta forma, outras expressões grupais e individuais que fujam de tais pressupostos e o que estes pregam como correto são encaixadas em uma posição antagônica e logo tidas como inimigas (Rocha, 2014).

A partir da explanação do conceito de fundamentalismo, pode-se fazer um retorno a Freud (1921/2023) e o que o mesmo constrói em sua obra *Psicologia das massas e análise do eu*. Ao escrever sobre a ideia de pertencimento a um grupo e o caráter alienador que pode surgir em meio a isso, o autor discorre sobre uma concepção a qual denominou como *instinto de rebanho*, que concerne especificamente à ideia de que ao se estar envolto em uma massa, ocorre também uma massificação dos pensamentos. Ou seja, é perceptível uma espécie de desmonte das aquisições subjetivas construídas pelo ser individualmente ao longo de sua jornada, para dar lugar a uma espécie de inconsciente comum. (Freud 1921/2023).

Traçando um paralelo entre tais pressupostos e a questão do fundamentalismo religioso, pode-se compreender um pouco melhor a respeito do que leva um indivíduo a adotar tal comportamento. Para tal, é importante demarcar a religião e seus ideais como uma instituição e uma ferramenta de linguagem que possuem um histórico de controle sutil em relação aos indivíduos através de suas práticas de disciplina (Foucault, 1988). Logo, é possível inferir que a partir de tal influência e normatização de valores passada pela igreja ao longo dos anos (Santo; 2019, p.155), a construção subjetiva de um povo acaba sendo atravessada pelas ideologias advindas de tal normatização. Resultando, assim, em um inconsciente comum pautado fortemente nos fundamentos da religiosidade.

Se tratando de uma instituição com ampla história e participação na construção da atual sociedade brasileira, seria pertinente considerar que, de certa forma, os indivíduos constituintes de tal meio social são atingidos por estes fundamentos e impactados em sua construção individual. Isso não se trata de uma afirmação de que todos em sua totalidade adotarão exatamente o mesmo discurso e a mesma postura, mas sim que ocorrerão atravessamentos a partir deste impacto que serão capazes de influenciar diretamente na constituição e construção subjetiva do ser.

Desta maneira, a formação subjetiva é impactada pelos discursos ideológicos propagados no meio em que o sujeito se insere, contando com a presença de classes dominantes que, através de sua influência no plano superestrutural, realizam articulações capazes de atribuir naturalidade a certos fatos, que por sua vez se reproduzem a nível individual (Lane, 1989).

Entendendo a potência do discurso fundamentalista enquanto fator capaz de influir na subjetividade individual, é válido ressaltar que tais ideologias também perpassam sua intervenção a nível grupal. Não apenas em grupos religiosos, por exemplo, mas também em outros diversos. Isso, pois como é afirmado por Lane (1994) em sua obra *O que é psicologia social*:

“O ser humano ao nascer necessita de outras pessoas para a sua sobrevivência, no mínimo de mais uma pessoa, o que já faz dele membro de um grupo (no caso, de uma díade — grupo de dois). E toda a sua vida será caracterizada por participações em grupos, necessários para a sua sobrevivência, além de outros, circunstanciais ou esporádicos (...).” (p.12).

Assim, pode-se dizer que além de questões superestruturais como as citadas anteriormente, a presença nos grupos aonde o homem é inserido ao longo de sua história também influenciam na sua construção identitária subjetiva ao se apresentarem como caráter essencial para a manutenção e posicionamento em um meio social. Nesse contexto, a família surge como um exemplo capaz de ilustrar tal influência, pois como é explicitado por Lane (1994): “A família é o grupo necessário para garantir a sobrevivência do indivíduo e por isto mesmo tende a ser vista como "natural" e "universal" na sua função de reprodução dos homens.” (p.40).

Partindo desta demarcação acerca do encargo da família enquanto grupo, torna-se importante frisar que os papéis familiares são diretamente moldados por relações de poder que se apresentam sob um viés de naturalidade, ou seja, são vistas como necessárias para a garantia da sobrevivência dos filhos. Nesse entremeio, o caráter social, histórico e cultural que atravessa a construção de tais papéis acaba por não ser reconhecido (Lane, 1994). Entendendo tais relações hierárquicas, é possível afirmar que contextos familiares permeados pelo conservadorismo rígido do fundamentalismo religioso podem influenciar diretamente na produção de sofrimento psíquico em adolescentes que vivem neste meio?

Para que seja possível responder o questionamento acima, é importante destacar, tal qual foi dito anteriormente no trabalho, a forma com a qual questões ideológicas vigentes em uma sociedade influenciam na construção da identidade. Mas não só através de uma maneira individual, grupos (como a família, por exemplo) podem se encontrar regados por tais ideais e através destes também influírem diretamente em questões singulares de determinados indivíduos. Percebe-se a partir desta colocação, uma reação em cadeia, aonde sociedade, grupos e indivíduos se transformam mutuamente. Reconhecendo esta interferência direta na subjetividade que permeia a temática discutida, a adolescência entra em cena como um fator de extrema pertinência visto que possui em sua base o desenvolvimento da autonomia e a consolidação da identidade enquanto indivíduo (Carvalho et al. 2003).

Na medida em que se discorre sobre o momento da adolescência, cabe uma demarcação do conceito de identidade a fim de facilitar uma compreensão de tal etapa. Por se tratar de um tema complexo, pensar sobre a questão identitária na atualidade implica uma análise das relações estabelecidas entre o indivíduo em sua subjetividade e o contexto social no qual está inserido (Miranda, 2014). Dessa forma, a identidade pode ser visualizada como um sentimento pessoal de coerência e continuidade, construído a partir de experiências individuais e sociais. Tendo em seu âmago a construção de um equilíbrio entre questões internas e o compartilhamento de conexões com o outro (Erikson, 1968).

Erikson (1968) destaca a importância deste conceito especificamente no momento da adolescência, pois segundo o autor em consonância a esta fase surge um anseio pela resposta da pergunta *quem sou eu?* Podendo ocorrer a partir deste questionamento uma consolidação subjetiva ou até mesmo uma confusão perante como se visualiza e compreende a própria identidade.

Neste sentido, pode-se situar a adolescência perante o processo identitário a partir do reconhecimento pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) que a delimita como o período que concerne os doze aos dezoito anos de idade. Para além dessa periodização de idade, ao longo da história se mostrou notável o esforço de diversas áreas do conhecimento que se dispuseram a estudar e produzir conceitos a respeito deste momento e suas ramificações. No âmbito da psicologia foi construída uma tendência a se

investigar questões que concernem a adolescência através de uma visão focada predominantemente no aspecto biológico e maturativo decorrente do desenvolvimento de tais sujeitos (Souza et al. 2018).

Apesar da importância das mudanças decorrentes da puberdade na construção da imagem do adolescente, como variação nas dimensões corporais, maturação sexual, alterações hormonais e o surgimento de novas capacidades cognitivas (Carvalho et al. 2003), um enfoque exclusivo em tais características acaba reduzindo uma fase tão complexa a apenas um de seus componentes.

A fim de se discorrer com mais precisão a respeito de tal complexidade, é pertinente um retorno a Vigotski (1984/2014) e a forma com o qual o mesmo define os diferentes momentos de periodização das idades ao longo da vida como ocasiões de *crise*, aonde em seu cerne se encontra uma ênfase em critérios históricos e culturais. Ou seja, tais crises, além de questões inatas ao corpo humano, se formarão a partir de uma relação direta com o contexto social no qual esse corpo se encontra. Assim, a construção subjetiva do psiquismo se desenvolve fruto da evolução biológica e do desenvolvimento da humanidade no que tange sua historicidade (Vigotski, 1984/2014).

A partir dessa visão multifacetada acerca das etapas do desenvolvimento humano, a adolescência pode ser demarcada como uma fase crucial na formação do indivíduo, estando em seu âmago o surgimento de novas configurações culturais da psique. Esse período envolve, simultaneamente, a ruptura do equilíbrio estabelecido na infância e a ausência de uma estabilidade própria de um adulto. Nesse processo de busca por se estabilizar, as funções psíquicas passam por uma reestruturação, que junto às mudanças físicas se associam diretamente a uma redefinição na forma de se posicionar perante o mundo ao seu redor. (Vigotski, 2009).

Entendendo a adolescência como um momento de redefinição do ser em sua totalidade, é importante para a continuidade do presente trabalho partir para um lugar de compreensão desta etapa em detrimento à família. Procedendo do contexto supracitado, é pertinente começar tal discussão explanando a forma com a qual o adolescente passa por um momento de questionamento e reavaliação dos significantes que lhe foram apresentados através de sua família durante seus anos iniciais, sendo um período de se

reposicionar perante tais ideias, ao mesmo tempo em que se enxerga as falhas e limites que permeiam este grupo (Lacan, 1995).

É possível dizer que se forma nesta relação um embate entre o eu subjetivo e o grupo familiar. O que não significa que tal grupo não influa diretamente na construção desse adolescente, mas que justamente neste período do desenvolvimento, esses jovens passarão a questionar aquilo que lhes foi apresentado ao longo do convívio com a família durante os primeiros anos, não por se tratar de uma etapa natural, mas sim, pois através de novos laços afetivos, bem como de suas reflexões e vivências construídas a partir destes, o adolescente irá se deparar com diferentes possibilidades e perspectivas de se colocar perceber o mundo (Lane, 1994). Surge aí o impasse: como essa busca por encontrar sua identidade pode ser permeada pela produção de sofrimento quando se mostra atravessada por um contexto familiar pautado por ideais religiosos fundamentalistas?

Considerando o questionamento acima, pode-se partir de uma visão de sofrimento que não abarca apenas sentimentos de dor que aparecem no indivíduo, mas sim uma conceituação desse fenômeno como algo que surge da junção de questões psicológicas, sociais e políticas, que ao se convergirem em determinado contexto sócio histórico se mostram como manifestações que influem diretamente no indivíduo e seu sofrimento. Ou seja, a partir de uma visão mais ampla, é possível reconhecer que tal sofrimento pode ser vivenciado pelo ser em sua subjetividade, porém não terá seu núcleo nele e sim em questões delimitadas a partir de prerrogativas coletivas e estruturais referentes a uma sociedade desigual (Sawaia et al. 2001).

Tal dimensão ética e política do sofrimento e como esta se entrelaça com o fundamentalismo religioso, pode ser entendida a partir de um resgate histórico capaz de explicitar a relação direta entre o surgimento desse fenômeno na atualidade e a construção política moderna. Em busca deste entendimento, cabe uma retomada a obra do filósofo alemão Max Weber e o que o mesmo denominava como *desencantamento do mundo*, que seria basicamente a ideia de pautar a realidade na racionalização, deixando o sagrado de lado e colocando a ciência como o cerne da modernidade. Ao se colocar tais ideais em prática, sucedeu-se que a religião se deslocou do âmbito público para o privado (Rocha, 2014).

Após essa reconfiguração de papéis religiosos em contrapartida a uma sociedade mais racionalista, ocorreu que tal projeto cultural da modernidade fracassou e as ciências não conseguiram ocupar o lugar de cimentar a vida social e política (Rocha, 2014). Logo, como explicado por David Hervey (1992) em sua obra *A condição pós-moderna*, essa crise resultante de tal fracasso moldou a realidade em um contexto efêmero e indeterminado, aonde o futuro se tornou algo incerto e sem perspectiva, tendo os indivíduos passado a viver fortemente dominados pela incerteza.

Tal contexto propiciou com que o fundamentalismo religioso retornasse como uma alternativa que trouxesse de volta essa sensação de certeza, como algo que pudesse ser abarcado como verdade eterna. A partir disso, este fenômeno ressurgiu de forma análoga a política, na medida em que líderes e representantes passam a utilizar de tais discursos para se apresentarem como delegados da vontade divina. Utilizando deste artifício como forma de controle social ao mesmo tempo em que ofertam uma suposta estabilidade que tanto se era almejada (Rocha, 2014).

Marilena Chauí (2006) em sua obra *Fundamentalismo religioso: a questão do poder teológico-político*, coloca em pauta o perigo desses ideais ao refletir sobre a forma com a qual a partir de um viés fundamentalista, será colocada em voga uma relação radical aonde grupos políticos e religiosos perpassados por esse discurso se apresentam como detentores de uma verdade absoluta que possuem conexão direta com a palavra de *Deus*. De tal forma, líderes assumem papéis de profetas e cria-se uma noção de luta entre o bem e o mal, na qual aqueles que possuem opiniões contrastantes são vistos através de figuras como o *demônio*.

Partindo de tais esclarecimentos, é possível realizar uma associação direta com o contexto apresentado como fator motivador para a delimitação do tema desta pesquisa: O contato com famílias de usuários do Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil (CAPSij) de Barbacena-MG que utilizavam dessa mesma prerrogativa fundamentalista para visualizarem questões que não iam de acordo com seus valores, como o abuso de substâncias psicoativas, por exemplo, através de figuras religiosas como a do *diabo*. Tal situação também se mostra como um exemplo concreto da influência da ideologia descrita por Lane (1994), visto que ilustra a relação em cadeia na

qual os discursos propagados em uma sociedade influenciam grupos e indivíduos de forma intrínseca.

O entendimento da dinâmica política e social que perpassa a retomada do fundamentalismo religioso demarca a razão pela qual o sofrimento causado pelo mesmo pode ser visualizado a partir de uma ótica ética-política. Ou seja, um sofrimento que atinge não só o corpo e a mente, como também a alma, afetando o íntimo daqueles que, de alguma forma, se encontram em posição de exclusão ou injustiça devido as suas características, sendo assim o reflexo de uma organização social desigual que a partir de seus atravessamentos mutila o cotidiano de inúmeros indivíduos (Sawaia, 2001 p.104).

Com o objetivo de buscar uma exemplificação mais concreta a respeito desse sofrimento partindo da relação adolescência *versus* ambientes familiares permeados pelo fundamentalismo religioso, é pertinente um retorno a Freud e o que foi formulado pelo autor a respeito dos conceitos de Eu Ideal e Ideal de Eu em O ego e o id (1923/1996). Para se compreender o conceito de Eu Ideal, é importante partir do ponto de que este é passível de associação direta com a idealização absoluta apresentada pelos fundamentalistas religiosos e a forma com a qual investem sua libido⁶ nestes ideais enquanto objeto (Rocha, 2014). Diante disso, o Eu Ideal pode ser nomeado como uma instância psíquica que se forma durante a infância. Neste momento, a criança guiada pelo período do narcisismo primário⁷, se espelha na figura dos pais como representantes de uma perfeição a ser alcançada (Rocha, 2014).

Freud (1921/2023) em Psicologia das Massas e Análise do Eu observou que, ao longo da vida, esse enamoramento incondicional advindo do Eu Ideal pode ser transferido para figuras distintas que serão vistas através da mesma ótica perfeccionista. De tal forma, os ideais fundamentalistas podem emergir como uma dessas figuras substitutivas, onde em tal contexto o indivíduo em busca da complementaridade narcísica vivenciada na infância - quando ainda não havia sido confrontado com as limitações da realidade - acaba por projetar o seu Eu Ideal em um grupo ou líder que represente tal doutrina religiosa.

⁶ A partir de Freud, é possível entender libido como uma energia impulsionadora fundamental em relação a tudo aquilo que concerne à palavra “amor”, ou seja, desejos e afetividades relacionados ao prazer e as motivações humanas (Freud, 1996).

⁷ O narcisismo primário refere-se ao estágio inicial do desenvolvimento, no qual o indivíduo investe a energia libidinal em si mesmo, em detrimento a objetos externos. Tal processo marca o início da construção do Eu (Freud, 1914/1996).

Sendo este um processo diretamente relacionado ao empobrecimento do Eu subjetivo (Rocha, 2014).

A partir da explanação realizada anteriormente, é possível argumentar acerca do que se trata o Ideal de Eu considerando tal instância como uma espécie de contraponto. Isso, pois o mesmo se apresenta na obra freudiana de forma contrária à ideia de adesão incondicional que permeia o Eu ideal, sendo definido como a instância diretamente relacionada à aderência do indivíduo para com as relações e componentes que atravessam sua concretude social, e como a partir destas irá construir a sua subjetividade (Rocha, 2014). Ou seja, se faz presente uma expansão de horizontes e consequentes possibilidades de investimento libidinal através da abertura para a relação com outros objetos encontrados a partir do convívio em sociedade (Rocha, 2014). Percebe-se uma relação concreta entre este conceito e uma construção identitária mais autêntica e plural.

O entendimento do Eu Ideal e do Ideal de Eu enquanto instâncias psíquicas que podem ser associadas respectivamente à adesão ao fundamentalismo religioso e a maneira com a qual a formação de identidade subjetiva ocorre, faz com que a relação adolescência *versus* famílias permeadas por ideais fundamentalistas religiosos seja visualizada a partir de uma ótica mais esclarecedora. Como foi apresentado ao longo do trabalho a partir do uso dos referenciais teóricos utilizados, entre eles Lane, Freud e Vigotski, as ideologias tem o poder de influenciar tanto o aspecto individual quanto grupal. Sendo a família um dos grupos mais proeminentes nesse quesito, ao se apresentar como fator essencial na construção subjetiva. Além disso, tal construção pôde ser visualizada como estando diretamente ligada ao momento da adolescência, no qual ocorre uma reconfiguração direta da identidade a partir de novas experiências (Carvalho et al. 2003).

Para além deste entendimento, a ideia de embate entre o eu adolescente e o eu grupo familiar que permeia o presente trabalho, pode ser visualizada a partir da relação de contraposição entre Eu Ideal e Ideal de Eu. O detalhamento de tal associação pode ser mais bem elucidado ao levar-se em conta que na construção do Ideal de Eu estão diretamente envolvidos os inúmeros grupos em que o indivíduo se insere ao longo de sua existência através de diferentes laços de identificação (Freud, 1921/2023). Em

consonância a isso, a adolescência se apresenta como o momento no qual o jovem permeado pelo anseio de atribuir um sentido à sua vida, acaba se distanciando da família, comumente questionando a identidade deste grupo em paralelo a sua, na mesma medida em que termina se inserindo e encontrando apoio em outros grupos, como nos de amizade, por exemplo, (Carvalho et al. 2003).

Em meio a essa busca por pertencimento e inserção em novos meios de convivência, o adolescente lida com o surgimento de novas atrações e um novo sistema de interesses, tais atrações são manifestadas a partir de diferentes objetos que se apresentam como estímulos capazes de impulsionar esse jovem em processo de reconstrução em direção a novos interesses, e consequentemente, novas condutas subjetivas (Vigotski, 1984/2014). Logo, é perceptível uma similaridade com o caráter de independência e originalidade que permeia a instância do Ideal de Eu (Freud, 1921/2023).

Reconhecendo tais mudanças em relação à forma de agir, é pertinente dizer o quanto isso pode ser causa de conflitos com a família em um ambiente permeado por ideais fundamentalistas. Como explanado por Silva et al. (2021) existe uma inquietação que acompanha aquele que se apresenta sob uma postura fundamentalista, e como forma de tentar inibir tal sentimento, expressa um desejo de que o outro se submeta a sua crença, na mesma medida em que adote os mesmos discursos e comportamentos, pois, caso contrário, será visto como uma ameaça.

Em contraste para com a relação entre Ideal de Eu e adolescência, nesta relação citada anteriormente é possível notar a forma com a qual tal irredutibilidade presente em famílias fundamentalistas se relaciona com a idealização de uma paixão por um objeto decorrente do Eu Ideal (Rocha, 2014). Mostra-se a partir desse resgate psicanalítico a dicotomia causadora de sofrimento que emerge em decorrência desta relação.

2 METODOLOGIA

Visando traçar a correlação entre o fundamentalismo religioso em contexto familiar a questões relacionadas ao sofrimento na adolescência, foi feita uma revisão literária narrativa, ou seja, um processo de busca e

consequente análise de publicações e obras literárias que, através de seu conteúdo, dialogaram com a temática proposta. Por se tratar de uma revisão narrativa, a escolha dos materiais utilizados não se pautou em estratégias pré-definidas, partindo de uma seleção mais arbitrária realizada a partir de questões mais abrangentes e culminando em uma análise qualitativa dos resultados encontrados (Biblioteca Prof. Paulo de Carvalho Mattos, 2015). Ou seja, voltada para o entendimento do tema trabalhado a partir de questões subjetivas do autor.

Diante de tal premissa, a busca e escolha dos materiais utilizados foram feitas de diferentes formas. Primeiramente, se conduziu uma busca por artigos através dos portais online de periódicos Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), além do mecanismo de pesquisas Google™ acadêmico. Para sistematizar a pesquisa nas plataformas escolhidas, foram utilizadas algumas palavras e expressões chaves, sendo elas: fundamentalismo religioso; adolescência; psicanálise; psicologia social e religião. Importante frisar que ao longo deste trajeto, foram feitas diferentes combinações entre as expressões supracitadas a fim de serem encontrados artigos mais específicos. Os critérios de exclusão para o encontro de tais referenciais teóricos foram: artigos em língua portuguesa, sendo estes do ano de 2014 até 2024.

Além dos métodos percorridos no parágrafo anterior, grande parte dos referenciais utilizados foram encontrados de forma mais arbitrária, especialmente as obras literárias empregadas ao decorrer da pesquisa. Primeiramente, algumas dessas obras foram escolhidas a partir de uma pesquisa mais geral na plataforma Google™, decorrente de um *brainstorm* utilizando frases e palavras relacionadas à temática trabalhada. Além disso, muitas das obras escolhidas surgiram a partir de indicações a respeito dos tópicos abordados ou até mesmo do conhecimento prévio do autor em relação a referenciais teóricos que conversavam com a temática e a partir disso foram relidos.

A partir dos estudos de tais referenciais encontrados em decorrência da metodologia de pesquisa supracitada, foram descritos e analisados dados e informações que corroboraram com a expansão do tema trabalhado. Sendo possível não apenas explicar conceitos como Fundamentalismo religioso,

Adolescência e sofrimento, como também traçar uma correlação entre os mesmos conforme a leitura e análise realizada. Ao final da pesquisa foram utilizados 27 referenciais teóricos.

3 ANÁLISE DA PESQUISA

A escolha de discorrer a respeito da temática O fundamentalismo religioso em contexto familiar e sua relação com o sofrimento mental em adolescentes surgiu a partir de um contato direto com esse fenômeno através de uma experiência de estágio. Tal experiência acendeu um sentimento mobilizador em relação à temática escolhida ao se mostrar como um exemplo em que uma mãe de uma usuária do serviço Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil (CAPSij) associava seu sofrimento decorrente do uso de substâncias e de questões relacionadas ao seu modo de viver e se posicionar, como um desvio dos caminhos cristãos, que logo poderia ser explicado por uma influência de forças como as do *diabo*. Era perceptível um retorno a tais pressupostos religiosos como uma forma de não encarar o sofrimento da filha em sua subjetividade, o que propiciava o alastre de tal sofrimento na medida em que a jovem não vivenciava um apoio autêntico advindo da família.

Assim, deu-se a seguinte inquietação: um ambiente familiar permeado por esses ideais pode ser causador de sofrimento em adolescentes? Em consonância a esse questionamento, foi percebida uma escassez de materiais que tratavam deste tópico de forma mais direta. Logo, o presente trabalho se realizou levando em conta a hipótese de que através de referenciais teóricos que concernem às áreas da psicanálise e psicologia social, seria possível encontrar variáveis que pudessem responder a tal indagação.

Para se alcançar tal objetivo, partiu-se de um ponto inicial que se encarregou em descrever e explicar o que se entende como o fenômeno do fundamentalismo religioso. A partir disso, foi realizado um resgate histórico em relação à evolução da religiosidade cristã ao longo do tempo, e como esta, aliada a fenômenos sociais, propiciou o surgimento e alastre de uma postura fundamentalista não só ao redor do mundo, como também no Brasil. Para se chegar a tal entendimento, foram exploradas obras de autores como: Zeferino Rocha (2014), Thiago Araújo Oliveira (2019), Sidnei Nogueira (2020) e Haleks

Marques Silva et al. (2021). A partir da exposição de seus pressupostos, foi possível situar o fundamentalismo religioso não apenas como um comportamento, mas também um movimento de militância política que através do resgate de doutrinas que concernem uma determinada religião, buscam colocar sua visão de mundo e moralidade como verdades absolutas ao mesmo tempo em que se opõe ao que é considerado como secular (Oliveira, 2021).

A partir desse resgate impulsionador do tema trabalhado, a psicologia surgiu de forma mais clara a partir de autores como Sigmund Freud (1914/1921/1923/1996/2023) e Silvia Lane (1989/1994). Sendo possível, através de seus pressupostos, descrever como os ideais fundamentalistas podem ser adotados por indivíduos que são atravessados pelas ideologias advindas da construção religiosa cristã (e não só) ao longo dos anos, entendendo também o papel da igreja enquanto instituição. Assim, foi possível visualizar como questões subjetivas e estruturais afetam-se nesse entremeio, ao mesmo tempo em que se tornou clara a maneira com a qual o social se entrelaça a essa temática ao introduzir a dinâmica grupal familiar como fator de extrema importância. Entendendo a partir do resgate em Lane (1994), a relevância deste construto enquanto grupo fundamental no que tange a interferência na constituição subjetiva.

A adolescência foi inserida nesse contexto devido ao entendimento de se tratar de uma fase diretamente ligada com a construção identitária. Situando a identidade a partir da conceituação de Erik Erikson (1968) e compreendendo a partir de autores como Vigotski (1984/2009) e Alysson Carvalho et al. (2003) a forma com a qual a adolescência se resulta em decorrência a uma série de fatores complexos que vão muito além de mudanças corporais. Pôde ser percebida a forma com a qual esse momento se relaciona com um contexto histórico e social mais amplo, que culmina em uma ampliação de visões a partir do pertencimento em outros grupos além do familiar. A partir disso, foi-se percebido que um embate entre essa busca por uma construção autêntica pode ser perpassada por sofrimento quando vivenciada em detrimento a um contexto familiar fundamentalista religioso.

A hipótese acima foi exemplificada e exposta ao longo da pesquisa a partir de um entendimento do sofrer como um ato diretamente ligado a uma construção social desigual, que por meio de seus atravessamentos, mutila

subjetividades que não se encaixam em determinados padrões. Sendo o retorno a Bader Sawaia (2001) algo que propiciou tal entendimento. Neste contexto, foi importante entender que o aspecto religiosidade e os ideais fundamentalistas associados a este, foram construídos de forma muito interligada a questões sociais e políticas. Tal entendimento preparou um terreno fértil para que por meio dos conceitos freudianos de Eu Ideal e Ideal de Eu, fosse possível estabelecer uma explicação de como este embate causador de sofrimento se mostra na prática, ao mesmo tempo em que pode ser associado com relação a ambientes familiares permeados por ideais fundamentalistas *versus* adolescência.

Analisando o caminho traçado e os resultados encontrados de forma análoga com o que se é proposto pela psicologia enquanto ciência e profissão, foi perceptível que a influência fundamentalista religiosa pode ser causadora de sofrimento em adolescentes. Ao mesmo tempo, isso não se trata de uma afirmativa irredutível que coloca o construto religiosidade como algo que causa apenas malefícios para construção individual.

Como explicitado por Santo (2019) na obra *Psicologia, Laicidade, Espiritualidade, Religião e Outras Tradições: encontrando caminhos para o diálogo*, a dimensão da espiritualidade, quando bem trabalhada, pode ser benéfica para a construção de um sentido na vida ao mesmo tempo em que coloca o indivíduo em conexão direta com o outro. Quando esta conexão é perpassada por um respeito às diferentes formas de expressão religiosas, surge como um enfrentamento para posturas intolerantes como o fundamentalismo. Diante desta premissa, pode-se destacar a importância do papel da psicologia enquanto construto capaz de se empenhar no estudo de tais questões, com o intuito de criar maneiras eficientes de favorecer o diálogo e o respeito para com a alteridade (Santo, 2019).

CONCLUSÃO

Diante do exposto, foi percebido o fundamentalismo religioso como um conceito complexo e multifacetado. Isso pois, em seu cerne, não se encontram apenas um comportamento voltado para atitudes de devoção exacerbada para com determinados pressupostos, mas também a marca de uma historicidade que, devido ao seu poder de influência - através não só de instituições como a igreja, mas também de movimentos políticos e de cunho social - afeta diretamente na construção subjetiva individual e grupal.

As vertentes psicanalíticas e sociais foram capazes de explorar esse fenômeno tornando possível o entendimento de que sua influência pode impactar diretamente na produção de sofrimento durante a adolescência. Momento pautado na formação da identidade pessoal que, quando entra em conflito dissonante com os pressupostos rígidos das doutrinas fundamentalistas, resulta em embates capazes de colocar em voga uma vivência autêntica em detrimento a uma busca por se encaixar em expectativas. O que se torna mais potente quando eclode em meio a um dos grupos mais proeminentes no que tange a influência em relação à construção deste adolescente: o familiar.

Nesse contexto, o papel do psicólogo em meio a tal questão se mostra como um desafio. Como postulado pela Resolução nº 7, de 06 de abril de 2023 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), cabe ao profissional exercer a sua profissão com base no princípio da laicidade, ao mesmo tempo em que deve considerar a relevância da temática religiosa no que concerne a formação da subjetividade tanto coletiva, quanto individual. Respeitando sempre os aspectos culturais associados às diferentes expressões da espiritualidade.

É possível concluir que, apesar da necessidade do reconhecimento de variáveis causadoras de sofrimento em decorrência de fatores religiosos, como visualizado a partir da experiência de estágio no Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil (CAPSij), por exemplo, esse fator não anula a importância de se entender e explorar tal temática dentro de suas possíveis potencialidades para com o ser humano. Compreendendo assim, a relevância da abertura ao diálogo acerca deste assunto no momento atual, na mesma medida em que se considera tal atualidade como resultado de uma vasta gama

de fatores, que se originam da complexa construção sócio-histórica do mundo contemporâneo.

Religious Fundamentalism in the Family Context and Its Relationship with Psychological suffering in Adolescents

ABSTRACT

The present work is a narrative bibliographic research conducted with the aim of establishing the correlation between the suffering experienced by adolescents and their coexistence in family environments characterized by religious fundamentalist behavior. In this context, theoretical references related to psychoanalysis and social psychology were explored, providing fundamental premises for understanding the significance of these concepts from a psychological perspective.

Based on the results, it was possible to understand the phenomenon of fundamentalism as a complex signifier, shaped by socio-historical variables, and directly associated with adolescence. This stage of life is portrayed as multifaceted and marked by a subjective construction that often conflicts with environmental expectations.

It is possible to conclude the importance of psychology in addressing the suffering that may arise from this relationship, while also highlighting its role in understanding the value of religiosity when developed in a way that respects otherness and provides space for the expression of diverse spiritual manifestations in modernity.

Key-words: Religious Fundamentalism. Adolescence. Family. Diversity. Psychic Suffering.

REFERÊNCIAS

ABREU, D. A. **Direito ao corpo, família e fundamentalismo religioso: breve análise do estatuto da família à luz dos direitos humanos.** Universidade Federal de Goiás – UFG. 2015.

BIBLIOTECA PROF. DE CARVALHO MATTOS. **Tipos de revisão de literatura.** Faculdade de ciências agrônômicas UNESP de Botucatu, 2015. Disponível em: [tipos-de-revisao-de-literatura.pdf](#). Acesso em: 10/11/2024.

BOHN, S. R. **Evangélicos no Brasil: perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral.** Opin. Publica. [online]. vol.10, no.2 [citado 30 Maio 2005], p.288-338, 2004.

CARVALHO, A.; SALLES, F.; GUIMARÃES M. **Adolescência.** Belo Horizonte: Proex – UFMG, 1ª reimpressão, 2003.

CHAUÍ, M. **Fundamentalismo religioso: a questão do poder teológico-político.** In Filosofia Política Contemporânea. Controvérsias sobre Civilização, Império e Cidadania. Atílio A. Boron, Buenos Aires, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO. São Paulo, Departamento de Ciência Política. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2006.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Estabelece normas para o exercício profissional em relação ao caráter laico da prática psicológica.** Resolução nº 7, de 06 de abril de 2023.

ERIKSON, E. H. **Identity: Youth and Crisis.** New York: W. W. Norton & Company. 1968

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade: a vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1ª ed. 1988.

FREUD, S. **Introdução ao narcisismo.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1914/1996. v. XIV, p. 79-108.

FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do eu.** Porto Alegre: L&PM, 1921/2023.

FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id.** Rio de Janeiro: Imago, 1923/1996.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 6 v. Organização e introdução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001-2006.

HERWEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

LACAN, J. **O seminário, livro 4: a relação de objeto**. Tradução de Mário L. da Gama Cerqueira. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

LANE, S. T. M et al. **Psicologia Social: O homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense; 8ª ed. 1989.

LANE, S. T. M. **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 6ª reimpr. Da 22ª ed. de 1994, 2006.

Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. (1990, 16 de julho). **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da União, seção 1. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Estatuto%20da,Adolescente%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias.&text=Art.%201%C2%BA%20Esta%20Lei%20disp%C3%B5e,e%20dezoito%20anos%20de%20idade. Acesso em: 08/11/2024.

MIRANDA, S.F. **Identidade sob a perspectiva da psicologia social crítica: revisitando os caminhos da edificação de uma teoria**. Revista de Psicologia, vol. 5, núm. 2, 124-137 Universidade Federal do Ceará, 2014.

NOGUEIRA, S. **Intolerância religiosa**. Feminismos Plurais. São Paulo: Jandaíra, 2ª reimpr. 2023.

OLIVEIRA, T. A. **Uma reflexão sobre o atual fundamentalismo religioso a partir de Freud**. Psicologia Política. Vol. 19. Nº 46. P. 543-555. Set-dez. 2019.

ROCHA, Z. **A perversão dos ideais no fundamentalismo religioso**. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, 17(3-Suppl.), 761-774, set. 2014.

SANTO, G. M. **A dimensão de espiritualidade e o enfrentamento ao fundamentalismo: discutindo as relações de poder**. In: Psicologia, laicidade, espiritualidade, religião e outras tradições: encontrando caminhos para no diálogo. Belo Horizonte: Conselho regional de psicologia – MG, 2019.

SAWAIA, B (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2ª ed. 2001.

SILVA, H. M.; OLIVEIRA, L. J.; PINHO, M. J.; **Psicologia clínica e o fenômeno religioso**. Revista de Educação, Saúde e Ciências do Xingu. V1., n.4 – ISSN, 2021.

SOUZA, C.; SILVA, D. N. H. **Adolescência em debate: contribuições teóricas à luz da perspectiva histórico-cultural**. Psicol. Estud., Universidade de Brasília (UnB), Brasília-DF, Brasil v. 23, 2018.

TEIXEIRA, F. **O pluralismo religioso e a ameaça fundamentalista**. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 10, n. 1 e 2, 2007.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico** (A. L. Smolka, Apres. e Com.). São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas (Tomo IV)**. Madrid: A. Machado Libros S.A. 1984/2014.

WEBER, M. **Economia e Sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva**. Brasília: Editora UnB, 1922/1999.

